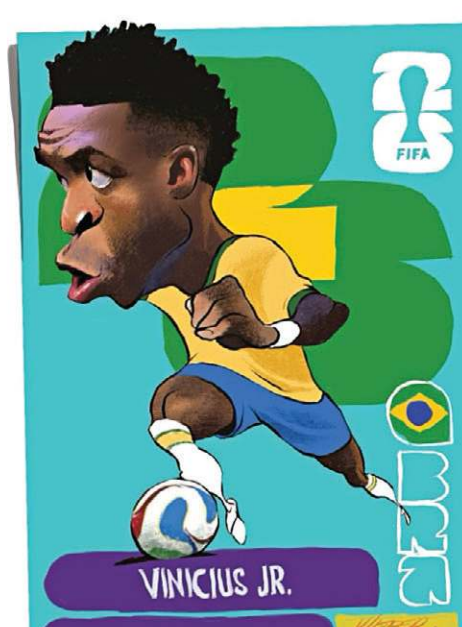
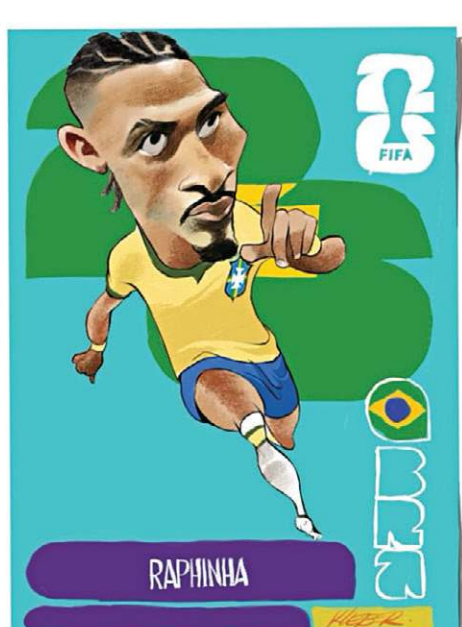
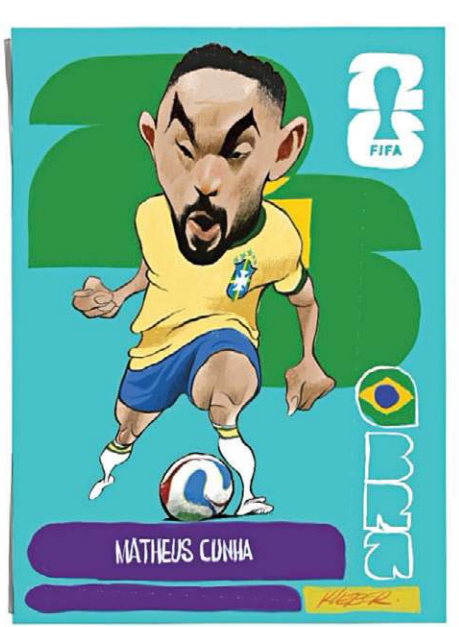
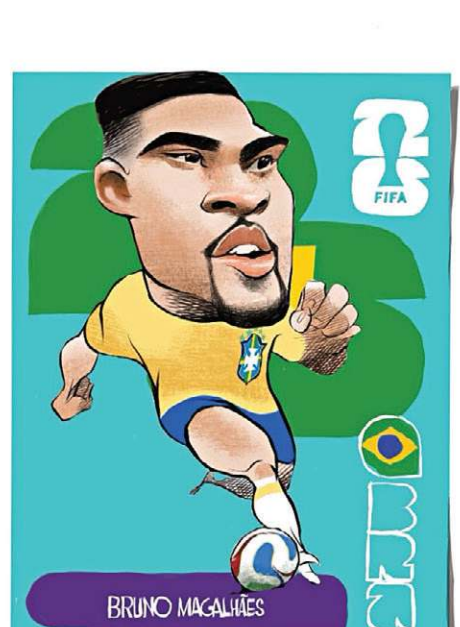
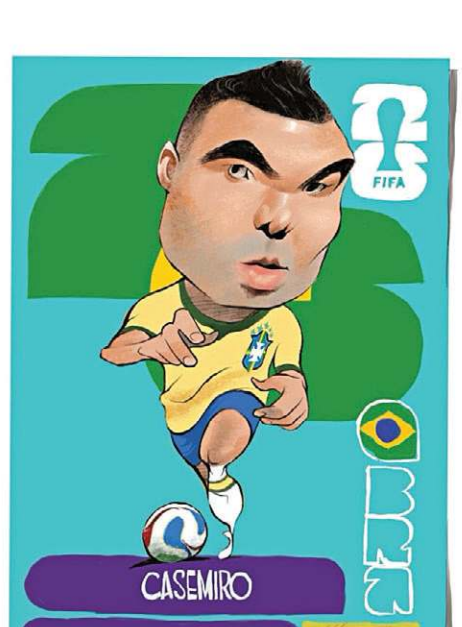
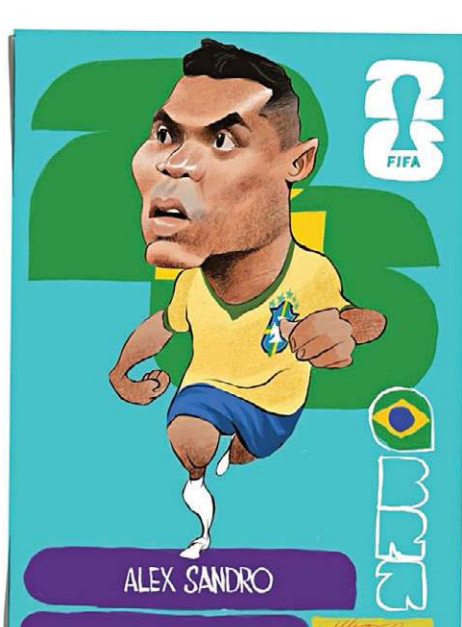
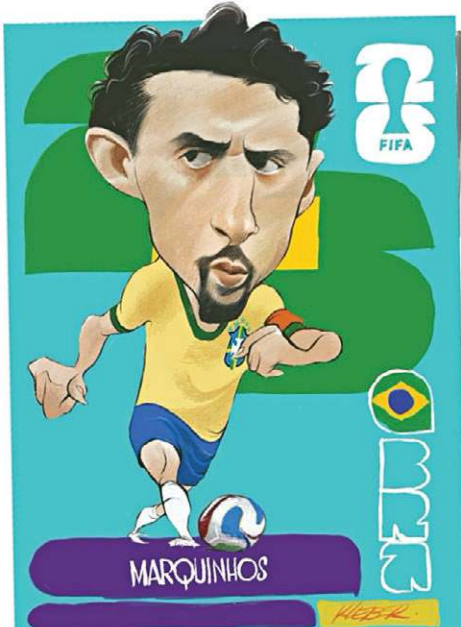
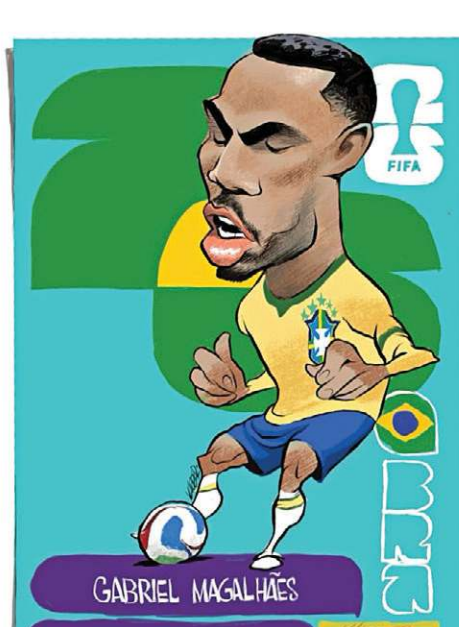
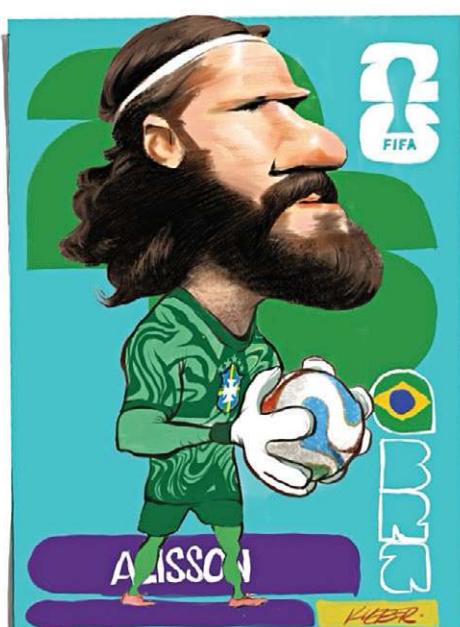




Reciclado por Ancelotti, time-base de Tite revê projeto do hexa, hoje, contra Marrocos. Dos 11 titulares na estreia em 2022, oito são homens de confiança do italiano em 2026

Figurinhas carimbadas



MARCOS PAULO LIMA
VICTOR PARRINI
ENVIADOS ESPECIAIS

Nova Jersey — Depois de 1.282 dias, o Brasil andou em círculo para descobrir que a base do time para a estreia na Copa do Mundo de 2026 é a mesma de 2022. Dos 11 titulares contra a Sérvia na primeira partida no Catar, oito representarão o Brasil hoje, às 19h (de Brasília), no MetLife Stadium, pela primeira rodada do Grupo C: Alisson, Danilo, Marquinhos, Alex Sandro, Casemiro, Lucas Paquetá, Raphinha e Vinicius Junior. Bruno Guimarães estava no grupo no Oriente Médio, mas era reserva. Matheus Cunha e Gabriel Magalhães são estreantes.

O mundo deu voltas e uma nova oportunidade a uma geração especial. O Brasil tem uma geração vitoriosa na base incapaz, em dívida com as conquistas na Seleção principal. O lateral-direito Danilo, o esquerdo Alex Sandro e o volante Casemiro ganharam juntos a Copa do Mundo Sub-20 de 2011.

O zagueiro Marquinhos fez parte da primeira geração dourada do Brasil na inédita medalha de ouro

nos Jogos Olímpicos do Rio-2016. O lateral-esquerdo reserva Douglas Santos e o camisa 10 Neymar também faziam parte daquele elenco. O bicampeonato em Tóquio-2020 é representado por Bruno Guimarães e Matheus Cunha.

A fusão entre campeões sub-20 e olímpicos é incrementada por referência dos principais times da Espanha. Vinicius Junior ganhou o Fifa The Best em 2024 pelo Real Madrid. Raphinha esteve entre os indicados na temporada passada pelo desempenho no Barcelona.

Há quem considere a safra ruim. Talvez falte uma característica descrita pelo experiente técnico Carlo Ancelotti na entrevista coletiva de ontem, a última dele antes de enfrentar Marrocos: autoestima. “Estamos convencidos de que podemos competir com todos de que podemos competir com todo mundo”, avisa Carlo Ancelotti.

Discurso necessário para um Brasil ferido pela série de eliminações nas quartas contra França (2006), Holanda (2010), Bélgica (2018), Croácia

19h

MetLife Stadium
Nova Jersey (EUA)



BRASIL

Alisson; Danilo, Marquinhos, G. Magalhães e Alex Sandro; Casemiro, B. Guimarães e Paquetá; Raphinha, M. Cunha e Vini Jr.

Técnico: Carlo Ancelotti

Copa do Mundo
1ª rodada



MARROCOS

Bono; Hakimi, Diop, Riad e Mazraoui; Amrabat, El Aynaoui, Brahim Díaz, Ounahi e Rahimi Saïbari

Técnico: Mohamed Ouahbi

Árbitro: Slavko Vincic (Eslovênia)

(2022) e um 7 x 1 na semifinal em casa contra a Alemanha em 2014. Os 26 eleitos por Carlo Ancelotti entrarão no gramado do MetLife Stadium com o mesmo fardo da geração de Taffarel em 1994: 24 anos de jejum.

Uma inovação da Seleção nesta Copa do Mundo é a presença de uma psicóloga no elenco. Marisa Santiago zela pela saúde mental do grupo. Acostumado a lidar com talentos de ponta, Carlo Ancelotti reforçou o trabalho da profissional ao falar sobre um sentimento

admissível no início de uma campanha na Copa do Mundo: o temor do fracasso.

“Medo é um componente importante da vida, porque você não tem medo e encontra um leão, ele te parece um gato. O medo é uma parte fundamental, salva vidas. São momentos em que você tem preocupações para que seu time possa fazer o melhor jogo possível. Eu, por natureza, sou muito otimista. Acho que a equipe está bem preparada para o jogo de amanhã (hoje) e

bem preparada para a Copa do Mundo”, bancou o protagonista de cinco títulos da Liga dos Campeões da Europa por Real Madrid (3) e Milan (2) e de títulos nacionais nas cinco principais ligas da Europa: Alemanha, Espanha, França, Inglaterra e Itália.

Ao reciclar a base de Tite, Carlo Ancelotti colocou o tempero dele no grupo em apenas 12 jogos depois de um ciclo tumultuado marcado por três trocas: Ramon Menezes começou, Fernando Diniz deu sequência e Dorival Júnior passou o bastão ao italiano.

O trabalho de um treinador é um trabalho de adaptação. Você tem que se adaptar a muitas coisas: às características dos jogadores, ao ambiente, à cultura da Seleção, à cultura do país. Tentei me adaptar rapidamente. Acho que o trabalho feito nesse ano nos permite ser competitivos nessa Copa do Mundo”, repetiu Carlo Ancelotti como se fosse um mantra.

O último treino antes da estreia aprimorou dois trunfos do Brasil contra Marrocos: a posse de bola e as jogadas ensaiadas. “Eu acho que a bola parada no futebol moderno é um aspecto muito, muito importante. Na estatística, 30% dos gols saem da bola parada.

Creio que temos ferramentas porque temos batedores de escanteios muito bons e cabeceadores muito bons. Acho que podemos aproveitar também disso. Treinamos isso nesses dias, e a equipe estava bem focada. Tomara que possa sair algo bom no jogo”, projeta.

Embora tenha um contra-ataque forte, Carlo Ancelotti não descarta o controle da partida. “Posse de bola é um aspecto do jogo importante, não é o mais importante. Se falamos de estatística, o mais importante são os gols marcados e sofridos. A ideia é ter controle de jogo com a bola e ser cômodo quando não tiver a bola. Quando não tivermos a bola, temos que estar compactos porque todos os rivais — e Marrocos também — são equipes que têm qualidade e podem criar problemas se você não estiver preparado em todos os aspectos”.

O italiano tem uma certeza inegociável. “Foquei em uma equipe, Marrocos é muito forte, tem jogadores de muita qualidade, muitos deles estão jogando na Europa e com muito sucesso. Temos muito respeito por esse time. Acredito que vai ser uma partida muito, muito bonita de se ver. Falando sobre o público, vamos jogar para que o público possa desfrutar”, espera Carletto.